

Representações da Nação: a apresentação de Alceu Amoroso Lima no álbum fotográfico *Brésil*

Rafael Luis dos Santos Dall'olio¹

Resumo: O objetivo do presente artigo é analisar textualmente a apresentação feita por Alceu Amoroso Lima presente no álbum fotográfico *Brésil: 217 photographes de A. Bon, P. Verger et M. Gautherot*, publicado em 1950 pela Editora francesa Paul Hartmann e em 1952 pela Editora Agir no Brasil. Ampliando nosso escopo, pretendemos compreender por meio desta análise como um intelectual de grande importância para a sociedade brasileira no século XX, seja por meio de sua crítica literária, de sua liderança laica na Igreja Católica, de sua aproximação de organismos governamentais no Brasil (como reitor da Universidade do Brasil) e no exterior (responsável pelos assuntos culturais na Organização dos Estados Americanos – OEA) concebia a sociedade brasileira e a apresentava – principalmente a trajetória histórica do país - a um público estrangeiro.

Palavras-Chave: intelectuais brasileiros, Alceu Amoroso Lima, álbum fotográfico, representações da paisagem brasileira, história do Brasil.

Abstract: the objective of the present article is to analyze textually the presentation made by Alceu Amoroso Lima in the photobook *Brésil: 217 photographes de A. Bon, P. Verger et M. Gautherot*, published in 1950 by the French Publishing House Paul Hartmann and in 1952 by the Agir Publishing House in Brazil. Amplifying our aim, we intend to understand through this analyses how an intellectual of great importance to Brazilian society in the twentieth century, in the literary criticism, in his laical leadership in the Catholic Church, in his proximity with governmental organisms in Brazil (as Universidad do Brasil's Rector) and abroad (responsible for cultural matters at the Organization of American States – OAS) understood Brazilian society and presented it – mostly its historical trajectory – to a foreign public.

Keyword: Brazilian intellectuals, Alceu Amoroso Lima, photographic album, representation of Brazilian landscapes, history of Brazil.

Representations of the National: the presentation made by Alceu Amoroso Lima in the photographic álbum *Brésil*

¹ Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo. E-mail para contato: rafael.olio@usp.br

Em 1950 a Editora Agir publicou no Brasil o álbum fotográfico *Brésil: 217 photographes de A. Bon, P. Verger et M. Gautherot*. Trata-se de um livro com fotografias de estados brasileiros como São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, e de temáticas retratando indígenas, a fauna e a flora brasileiras, o rio São Francisco, a Amazônia e o sertão e litoral do nordeste. Organizada pela editora francesa Paul Hartmann em 1950, foi distribuída no Brasil em 1952 e 1957 pela editora Agir. A apresentação dessa obra foi realizada por Alceu Amoroso Lima, renomado intelectual católico brasileiro do século XX, cuja análise desse texto é a proposta do presente estudo.

As fotografias desse álbum retrataram² visualmente cada região, destacando as construções urbanas de São Paulo e Rio de Janeiro (fotografias representando largas avenidas, prédios altos, automóveis), as construções antigas de Minas Gerais (fotografias representando casas coloniais e edifícios religiosos), tipos humanos no nordeste (fotografias representando o pescador, o vaqueiro) e uma exuberante natureza no norte e sul do Brasil (fotografias representando rios, florestas, animais).

Esse álbum pode ser considerado uma introdução e guia do Brasil. Amoroso Lima, em sua apresentação se preocupa em resumir a história do país, sua geografia, sua cultura e, principalmente, demonstrar como sociedades da América e da África poderiam desempenhar um papel importante no futuro. Já as notas de Antoine Bon, autor e um dos fotógrafos da obra, apresentam-se mais como um manual geográfico de cada região mostrada no livro.

Tendo como premissa essa proposta visual, buscamos no presente estudo uma análise do discurso de Amoroso Lima na apresentação desse álbum.

A importância desse intelectual na sociedade brasileira pode averiguada por meio de uma extensão bibliográfica acadêmica³, e por si só já se apresenta como uma justificativa de estudo.

Considerando o suporte dessa apresentação, qual seja o álbum fotográfico, constatamos que este possui a especificidade de reunir uma série de fotografias produzidas em espaços discursivos diversos e reunidas sob a égide de uma política editorial. A presença de

² Uma análise completa das fotografias presentes nesse álbum pode ser consultada em Dall'olio, Rafael Luis dos Santos. **Representações das Paisagens Brasileiras por lentes francesas: um estudo de caso**. São Paulo, 2012, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

³ Para uma ampla bibliografia acerca a atuação de Alceu Amoroso Lima, sugerimos o estudo recente de Cândido Moreira Rodrigues intitulado Notas sobre a “fortuna crítica” do intelectual Alceu Amoroso Lima, publicada *Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 5, n. 2, jan-jul., 2021*, que pretendeu levantar os principais estudos acerca desse intelectual 1970 e 2010.

textos – apresentação, introdução e legendas - nesse álbum possibilitando uma análise textual e imagética, favorece uma compreensão aprofundada desse discurso. Interessante ressaltar que esse texto, inserido na obra *Brésil*, é conhecido nos estudos sobre Amoroso Lima.

Destaca-se ainda Segundo Costa (2006), os períodos de maior interesse aos estudiosos de Amoroso Lima (ou dos intelectuais católicos) são os períodos de crítica literária, conversão e defesa do regime democrático, sendo o período de ‘peregrinação’ (situado entre 1945 e 1964) de pouco interesse, pois é considerada uma fase de transição entre o católico mais fervoroso e o católico defensor da democracia (COSTA, 2006, p.28).

Tal período de transição de Amoroso Lima é decorrente das mudanças ocorridas no mundo após a Segunda Grande Guerra, com a consequente derrubada dos governos fascistas na Europa e no Brasil, e uma necessidade da Igreja Católica em buscar uma reconciliação com o próprio tempo.

Dessa forma, procuramos efetuar primeiramente um estudo de caso específico, compreendendo o discurso de Amoroso Lima na apresentação desse álbum fotográfico para posteriormente confrontar o resultado dessa análise com a própria trajetória político-institucional desse intelectual. Esse termo, contudo, carrega em si, uma discussão extensa⁴, que não será tratada aqui, exceto alguns apontamentos do sociólogo Sérgio Miceli.

Segundo Miceli (1999) é possível distinguir – mas não limitar – 03 modelos de apreensão do intelectual na sociedade. Em uma primeira vertente destaca o argumento sociológico com influências culturalistas, defendida pelo próprio autor.

Miceli, que publicou em 1979 o livro *Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, propôs novos caminhos na interpretação do papel dos intelectuais na sociedade brasileira, em consonância com a tendência contemporânea de desmistificação e explicações daquilo que está escondido da consciência e da observação.

O sociólogo tentou mostrar como os intelectuais correspondem a expectativas ditadas pelos interesses de poder e das classes dirigentes, focando de que modo a procedência social se engrena com as necessidades emergentes de racionalização burocrática nos anos 30 e 40 para configurar um novo tipo de dominação com auxílio intelectual. Com o declínio social se nutriram os quadros governamentais depois de 1930, quando o abalo das estruturas

⁴ Para uma discussão inicial, indicamos estudos clássicos como os de Julien Benda *La Trahison des Clercs* (1927) e de Antonio Gramsci, *Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura* (1949).

tradicionais e o predomínio do ritmo urbano suscitaram novos tipos de clientela, patronato, dependência e concepção do trabalho.

Miceli, por fim, demonstrou as relações entre os intelectuais e a classe dirigente no Brasil e suas estratégias utilizadas para se alçarem às posições criadas no setor público e privado do mercado de postos entre 1920 e 1945, buscando uma História Social das Classes a partir de sua dinâmica interna, seguindo estudos como Gramsci na Itália, Bordieu na França, Willians no Reino Unido e Ringer na Alemanha. Tal proposta buscou:

Elaborar um modelo de argumentação capaz de compatibilizar condicionantes ligados às origens sociais com aqueles desencadeados pelas mudanças em curso no mercado de trabalho intelectual, uns e outros tomando feição e sentido no contexto político-institucional da época (MICELI, 1999).

Uma segunda proposta de cunho doutrinário-policista foi formulada pelo sociólogo francês Daniel Pécaut, antigo diretor da École de Hautes Etudes de Paris, por meio da obra publicada em 1990, *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação 1920-1970*, onde destacou que a trajetória política dos intelectuais está constantemente articulada ao Estado, em especial aos projetos de modernização e desenvolvimento social que estavam em andamento no governo Vargas. Apesar de se referir aos intelectuais do Brasil como um todo, destacou que sua base de estudos restringe-se exclusivamente aos paulistas, aos cariocas e aos mineiros, demonstrando consciência de que o estudo é incompleto. Para tanto, desqualifica trabalhos vinculados a uma “sociologia dos intelectuais” ou a uma “história das idéias”, sendo seu foco a influência efetiva dos intelectuais no sistema político ao mesmo tempo em que pretende compreender as estratégias coletivas enquanto uma categoria social específica.

Por fim, um terceiro modelo apresentado por Miceli foi o argumento organizacional e institucionalista, exemplificado pela obra *Formação da comunidade científica no Brasil* do sociólogo Simon Schwartzman.

Nesse trabalho é priorizada a construção institucional das atividades científicas e intelectuais no Brasil. Por meio de uma análise minuciosa da história de algumas especialidades, iniciando com a vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808 e as instituições técnico-científicas decorrentes dessa mudança, esse autor busca compreender o quadro cultural no qual foram se desenvolvendo essas instituições, e quanto estas estavam ligadas à sociedade. Nesse sentido, a década de 1930 é fundamental para entendermos a construção de uma comunidade científica, por conta do forte controle do governo federal, e

em consequência, o bloqueio e o desmantelamento da instituição universitária. Como exceção, a criação da Universidade de São Paulo em 1934 foi um marco regulatório da formação dessa comunidade.

Ao mesmo tempo em que a análise institucional é realizada, outra análise busca as matrizes políticas e ideológicas do então ministro Gustavo Capanema, política voltado à cultura e educação durante o Estado Novo na obra *Tempos de Capanema*. Dentre essas políticas, destaca o modernismo conservador, e a relação intrínseca entre o Estado, representado pela figura do ministro Gustavo Capanema e a Igreja Católica, representada por Amoroso Lima. Essa parceria, segundo Schwartzman, é fundamental para entendermos “os princípios doutrinários, os conteúdos técnicos e os rumos políticos das principais iniciativas do ministério nos setores de educação e cultura” (MICELI, 1999, p.384).

Podemos abstrair do sucinto levantamento acima que para apreender o papel do intelectual na sociedade, devemos adotar como pressuposto que o mesmo está imbricado nas tessituras sociais e de poder na sociedade a qual está inserido (MOTA, 1977; MICELI, 1979; SCHWARTZMAN, 1984; MARTINS, 1998; PÉCAUT, 1990). Contudo, essa participação nas estruturas de poder – diretamente ou indiretamente – não significou uma passividade ou submissão, resultando muitas vezes em tensões (BOMENY, 2001, p. 15).

A trajetória de Alceu Amoroso Lima

Alceu Amoroso Lima (Rio de Janeiro, 1893 - Rio de Janeiro, 1983) foi uma figura de destaque no panorama político, cultural e religioso da sociedade brasileira ao longo do século XX. Graduou-se em 1913 pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, viajando à Europa logo em seguida, onde fez cursos em universidades francesas, sendo influenciado pelas leituras de Jacques Maritain e Gilbert Chesterton. Posteriormente estas se converteriam, para Amoroso Lima, numa tendência democrática e liberalizante do pensamento católico, suscitando conflitos com os setores mais reacionários da igreja (COSTA, 2006, p. 39).

Lafetá nos indicou a dimensão da influência de Lima no período:

Todas as obras importantes que surgiram por essa época [décadas de 1930 a 1950] passaram pelo seu crivo julgador; foi o crítico do Modernismo, o divulgador de pesquisas literárias das vanguardas de então; sua palavra podia ser decisiva, sua opinião era capaz de consagrar, sua presença era constante e

respeitada, seus juízos eram recebidos muitas vezes como definitivos, encerrando discussões. Era conhecido como crítico lúcido, inteligente, imparcial, sereno, culto, dotado de sensibilidade, argúcia e espírito aberto o bastante para ser capaz de perceber, nas hesitações de um estreante, as potencialidades do talento (LAFETÁ, 2000, p. 77).

Pelo trecho acima podemos perceber a influência de Amoroso Lima na sociedade brasileira na primeira metade do século XX. Tentaremos, sucintamente, analisar sua trajetória abaixo.

Em 1919 iniciou sua carreira com o pseudônimo Tristão de Athayde como crítico literário n' O Jornal. Em 1924, insatisfeito com diversas questões existenciais, oriundas principalmente pelo fim da *Belle Époque* e pelas consequências da Primeira Guerra Mundial, começou a demonstrar interesse por assuntos religiosos. Iniciou, então, intenso diálogo com o pensador católico Jackson de Figueiredo, fundador do Centro D. Vital, núcleo de debate e difusão do catolicismo. Em 1928, converteu-se ao catolicismo, fato que teve grande repercussão nos meios intelectuais. Assim afirmou sobre sua conversão:

Por isso costumo dividir minha vida em três etapas: a etapa literária, a etapa de idéias e a etapa de fatos, acontecimentos. A etapa literária vai até os vinte e poucos anos: só a literatura e a estética me interessavam. Aí a Guerra de 14 foi um problema mundial que afetou profundamente a mim e a minha geração de um modo muito radical, porque a gente vivia mesmo a Belle Époque no sentido de gozar a vida, gozar a vida esteticamente, ideologicamente, filosoficamente, no sentido de preocupação de idéias, não no sentido de ir fundo dos problemas. A guerra provocou realmente uma ruptura. Eu estava em Paris e diante daqueles fatos trágicos, de vida ou de morte, da morte de uma civilização de um país, de uma geração, da minha geração que eu julgava isenta de ter que fazer opções tão dramáticas⁵ (LIMA, 1981).

Mesmo após sua conversão ao catolicismo, após uma longa troca de correspondências com Jackson do Figueiredo (LIMA, 1973), sua influência não diminuiu. Contudo, suas obras trataram temas mais voltados às questões da época como economia, sociedade, religião, dentre outros em detrimento da crítica literária. A partir de então, exerceu grande influência no catolicismo laico, principalmente após a morte de Figueiredo, assumindo a direção do Centro D. Vital após a morte deste. Nesse momento Amoroso Lima se distanciou da produção modernista, da qual se considerava um membro “Imediatamente nós divergimos: ele [Jackson

⁵ TV CULTURA, Entrevista concedida a Ana Lúcia Vasconcelos no programa Vox Populi, 1981.

de Figueiredo] era um autoritário e eu um liberal. Ele começou a me atacar através de artigos, ele antimodernista, eu modernista” (TV CULTURA, Entrevista concedida a Ana Lúcia Vasconcelos no programa Vox Populi, 1981).

A partir do exposto acima percebemos claramente a divergência de caminhos de Amoroso Lima e a produção da sua época: os modernistas buscavam, através do questionamento das tradições e da própria razão, novas formas, novas possibilidades, a construção de uma identidade nacional. Amoroso Lima recorreu ao misticismo da religião para afirmação de um sentido, de um propósito, frente à frustração causada pela perda da razão na sociedade moderna.

Segundo Fernando Pinheiro, Alceu Amoroso Lima se enquadra num grupo de intelectuais católicos com atuação marcadamente política, em torno do Centro D. Vital e a Revista A Ordem, ao contrário de uma vertente católica mais voltada para uma produção artístico-literária, representada por Ismael Nery, Murilo Mendes e Jorge de Lima (PINHEIRO FILHO, 2007, p. 37).

Amoroso Lima se aproxima de Vargas após um primeiro momento de hostilidade – a Igreja não via com bons olhos a Revolução de 1930, como mudança da ordem. Posteriormente passaria a apoiar o governo Vargas, principalmente por meio da revista A Ordem, afirmando a existência de uma “corrente racional, tradicional e cristã” (SCHWARTZMAN, 1984, p. 55).

Em busca de um espaço político no governo Vargas, a Igreja entendia a educação como um campo profícuo para tal doutrinação. Em 1931 é publicado um decreto que permitia o ensino religioso nas escolas públicas, demonstrando que o governo provisório tinha interesse numa aliança com a igreja católica. Contudo, o decreto foi revogado em 1932 com a saída de Francisco Campos do governo, pela reforma do ensino secundário, introduzindo disciplinas de caráter técnico.

Amoroso Lima criticava constantemente esse vertente, enfatizando que o ensino laico proposto pela Escola Nova (linha pedagógica representada por Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Celina Padilha) acabaria por descristianizar totalmente o ensino. Nesse contexto de formulação de uma constituinte (1932), Amoroso Lima utilizou o Centro D. Vital e a Revista A Ordem como ‘armas’ de conscientização e conclamação dos católicos a impedirem a laicização do ensino que considerava como uma luta religiosa. Das reivindicações católicas atendidas, destacamos a invocação de “Deus” no preâmbulo do anteprojeto constitucional e o restabelecimento da colaboração entre Igreja e Estado (SCHWARTZMAN, 1998, p.60).

Tão logo Capanema assumiu o ministério da Educação (1934), Amoroso Lima lhe enviou uma série de medidas a serem tomadas, dentre elas materiais informativos contra o marxismo e o bolchevismo, facilidades para o ensino religioso católico. Dentre desses pontos, apontados por Schwartzman, vale a pena destacar um adendo dessa correspondência:

Esse interesse coletivo, que tanto preocupa ao Estado como a Igreja, nós queremos alcançar por meios diversos, se bem que não antagônicos (...) o que desejamos do governo é apenas:

1. Ordem Pública, para permitir a livre e franca expansão de nossa atividade religiosa na sociedade.
2. Paz social, de modo a estimular nosso trabalho de aproximação das classes, que é, como você sabe, o grande método de ação social recomendada invariavelmente pela Igreja.
3. Liberdade de ação para o bem, mas não para o mal, para a imoralidade, para a preparação revolucionária, para a injúria pessoal.
4. Unidade de direção de modo a que a autoridade se manifeste uniforme em sua atuação e firme em seus propósitos.

(Carta de Alceu Amoroso Lima à Capanema, 16 de junho de 1935. GC-Lima, A-A, doc. 15, série b apud SCHWARTZMAN, 1984, p. 175)

Em 1935 tornou-se diretor da Ação Católica Brasileira, sendo eleito para a Academia Brasileira de Letras no mesmo ano. Ainda nesse ano, foi nomeado membro do Conselho Nacional de Educação. Tal nomeação foi importante para que em 1937 em decorrência do Estado Novo pudesse assumir o cargo de reitor da Universidade do Distrito Federal, acabando com o projeto de Anísio Teixeira.

Interessante ressaltar sua aproximação com o ministro da Educação e Cultura Gustavo Capanema, personagem central do Estado Novo de 1937-1945, responsável pela criação do SPHAN, UDF, dentre outros. Em 1937, após consulta a comunidade de professores, estudantes e outros profissionais ligados à educação, Capanema recebe uma proposta de plano nacional para a educação, cujos princípios gerais a definição do ‘espírito brasileiro’, entendido como orientação com base nas tradições cristãs e históricas da pátria e a consciência da solidariedade humana.

Segundo correspondências trocadas entre Amoroso Lima e Capanema (LIMA, 2003), tratava-se não apenas de conversas profissionais, mas de uma grande amizade entre os dois. O fato de Capanema reunir intelectuais de diversas correntes em seu ministério, como Amoroso Lima e Mário de Andrade, deveu-se à própria natureza do Estado Novo. Segundo Oliveira:

O Estado Novo, em sua complexa trama de ‘tradição’ e ‘modernização’ exerceu um apelo substancial sobre a intelectualidade brasileira. Figuras egressas do modernismo – tantos os que ingressaram nos movimentos radicais dos anos 1930 quanto os que se mantiveram ligados aos partidos tradicionais – foram desembocar numa corrente comum que se insere no projeto de construção do Estado Nacional. Literatos modernistas, políticos integralistas, positivistas, católicos, socialistas são encontrados trabalhando lado a lado (BOMENY *Apud* OLIVEIRA: 1982, p. 508).

Na década de 1940, atuou como professor da Universidade do Brasil (oriunda da UDF) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Participou da fundação da Livraria Agir em 1944 para que pudesse ampliar o comércio de publicações católicas.

No período que nos interessa, entre 1949 e 1953, viveu na França e nos Estados Unidos. Citou como motivo para essa viagem “[...] como uma peregrinação religiosa, como uma exigência intelectual e como uma visitação piedosa à terra de meu próprio sangue” (LIMA *apud* COSTA, 2006).

Na França, passou quatro meses entre universidades e igrejas francesas, consideradas por ele o centro da cultura europeia. Visitou ainda Portugal e Roma, onde havia marcado uma audiência com o Sumo Pontífice.

Entre 1951 e 1953 ocupou o cargo de Diretor do Departamento Cultural da União Pan-Americana, órgão executivo da Organização dos Estados Americanos (OEA) nos Estados Unidos. Contudo, ao contrário da Europa, Amoroso Lima desprezava a sociedade estadunidense, por considerar que privilegiava a máquina em detrimento do homem, a massa em detrimento do indivíduo. Ao fim de sua estada nesse país amenizou sua aversão, mas ainda considerava o velho continente como centro cultural do mundo.

Com uma vasta produção literária, entre livros, artigos, introduções, compilações, e uma vida política e cultural participativa, seja através do Centro D. Vital, como reitor da Universidade do Distrito Federal, como membro da Academia Brasileira de Letras ou Diretor para Assuntos Culturais da OEA, o estudo da sua obra é fundamental para compreendermos a sociedade brasileira desse período, bem como o papel dos intelectuais nesse contexto.

Segundo Gomes Júnior (2011), é possível identificar 04 fases na trajetória de Amoroso Lima:

- 1) 1914-25/28: crítico agnóstico, disciplinado e erudito;
- 2) 1928-45: convertido ao catolicismo, passou a atuar politicamente a fim de defender a Igreja, fazendo oposição tanto ao liberalismo burguês quanto ao socialismo;

- 3) 1945-64: início do *aggiornamento* – defesa de um humanismo integral ao mesmo tempo em que parabeniza a vitória de Franco na Guerra Civil Espanhola;
- 4) 1964-1983: tolerância, defesa da pluralidade e da liberdade, face ao Regime Militar de 1964.

Tal periodização será utilizada para melhor compreender o discurso a seguir.

Análise da apresentação de *Brasil*

Iniciaremos essa discussão a partir das quatro unidades propostas por Amoroso Lima (histórica, geográfica, política e cultural), para posteriormente compreendermos seu discurso como um todo, lembrando que segundo o autor: “estudando o quadro completo da cultura brasileira, nós devemos considerar quatro diferentes formas de unidade que são características da vida coletiva de 50 milhões de habitantes dos vinte estados e territórios” (LIMA, BON, 1950, s/n).

Amoroso Lima iniciou sua argumentação, após a justificativa da fotografia como forma de conhecer um país na impossibilidade de ir até ele pessoalmente, exaltando a potencialidade da América Latina como um continente do século XXI, como a África – “nós estamos apenas começando a emergir da era colonial” –. Contudo, ao contrário da África, devemos também considerar a existência de diversas Américas, sob o ponto de vista político, geográfico e cultural. Deste, podemos dividir em quatro Américas – Canadá ou Anglo-francês; Estados Unidos ou América Inglesa; os países da América Espanhola; e o Brasil ou América Portuguesa.

Abaixo da linha do Equador, três características separaram o Brasil do resto da América do Sul: formação histórica, unidade política e preservação da própria linguagem. O Brasil, contudo, se formou por segregação; até 1808, foi uma colônia restrita a Portugal. Não houve contato com outras nações da Europa e Ásia exceto através de navios portugueses – nem com as outras nações espanholas. A isolamento cultural, política, econômica e social era absoluta.

Ao comparar a formação histórica do Brasil com outros grupos americanos, Amoroso Lima ressaltou que devemos lembrar que Canadá e as repúblicas espanholas nasceram, historicamente falando, por um processo de desmembramento. E os Estados Unidos se formaram pela união de estados que mantiveram uma consciência de autonomia.

Podemos perceber neste momento uma tentativa clara de Amoroso Lima em distinguir o Brasil das demais nações americanas. Através dessas “unidades” que formaram o país, o autor explicará no decorrer do texto cada uma delas, a fim de melhor embasar seu discurso. Além disso, um dos fatores essenciais para que ocorresse a unificação citada fora o isolamento, que permitiu a manutenção territorial, política e cultural por um lado ao mesmo tempo em que “atrasou” o desenvolvimento intelectual do Brasil – imposta pela metrópole portuguesa.

Essa diferenciação entre o Brasil e a América Latina ocorreu tanto no aspecto econômico e social (manutenção da escravatura após a proclamação da República), quanto no aspecto político (proclamação da independência sem os conflitos que marcaram os demais processos de independência na América Latina). Cabe ressaltar ainda um aspecto importante: a inversão da relação metrópole-colônia quando em 1808 a colônia brasileira passou a ser a sede da metrópole portuguesa em decorrência da invasão napoleônica em Portugal.

O autor destacou ainda que a cultura brasileira era europeia por natureza, talvez a mais europeia de todas as civilizações americanas, e mesmo Humana, no mesmo “sentido social do humanismo contemporâneo” (LIMA, BON, 1950, s/n). A cultura brasileira, segundo Amoroso Lima, pode ser descrita como uma tensão contínua entre unidade e diversidade, conceitos-chave que utilizará para explicar as diferenças entre paisagens e tipos humanos nas regiões brasileiras e assim justificar a unidade do país.

Sobre o quadro geográfico, Amoroso Lima foi mais sucinto, já que Antoine Bon, responsável pelas notas na obra, descreveu detalhadamente todo o relevo, acidentes geográficos, rios, extensões, dentre outros. Amoroso Lima destacou alguns aspectos físicos ou naturais como o solo, o clima e a sua extensão territorial:

O Brasil se encontra num dos mais antigos solos do mundo. Cresceu na forma de um planalto de médio peso que compensa sua posição subtropical e que rende ao clima suportável e até mesmo frio. A reputação de ser um país quente que nos causa tanto aborrecimento, sobretudo nas cidades litorâneas, nas cidades do norte e na ‘Cidade Maravilhosa’, cujo interior é tão lindo e onde, como um embaixador americano de forma humorística colocou, no verão muitas vezes chega a passar o inverno. (LIMA, BON, 1950, s/n).

Interessante perceber o ‘incômodo’ do autor em relação à imagem que o Brasil apresentava no exterior de ser um país extremamente quente, sobretudo as regiões litorâneas e a cidade do Rio de Janeiro – a “Cidade Maravilhosa”.

Amoroso Lima denominou de ‘unidade psicológica’ a manutenção da língua portuguesa, com poucas alterações, um dos quatro eixos essenciais para a compreensão da sociedade brasileira. “Já foi dito que a língua não forma nações, mas ao menos as coloca em grupos sociológicos similares” (LIMA, BON, 1950, s/n). Segundo o autor, a língua inglesa forma uma ligação entre o Canadá e os Estados Unidos, a língua espanhola une em um grupo oposto aos demais, já o Brasil manteve sua unidade mantendo seu idioma original – o português – que sofreu algumas modificações na sintaxe, estrutura e significado das palavras.

Em *Memórias Improvisadas*, obra composta por diálogos com Medeiros Lima em 1973, Amoroso Lima ressaltou a importância da unidade psicológica para a formação do Brasil: Para que uma nação tenha viabilidade é preciso que exista, além do território e de uma tradição, um sentimento de unidade psicológica, de afinidade entre todos os membros que compõem a comunidade nacional (LIMA, 1973, p. 93). Esse tema está ligado não somente à língua, mas também a própria literatura brasileira. Contudo, a visão de Amoroso Lima da literatura como produto cultural que depende em seu desenvolvimento de uma correta compreensão de outros aspectos do corpus social:

Tudo o que se refere, portanto, à elaboração desse corpo social de que somos parte está direta ou indiretamente ligado à literatura, segundo o conceito amplo que devemos emprestar a esse termo. E é da formação da raça brasileira que se cogita. Isto é, do elemento indispensável e primordial para termos um dia uma literatura realmente brasileira (LIMA, 1973, p. 272).

Percebemos ainda no texto uma preocupação do autor em ratificar a democracia como forma de governo e justificar os desvios cometidos, seja perpetrado por grupos específicos, não envolvendo o todo brasileiro, seja pelo pouco tempo de democracia efetiva que o Brasil adotou como forma política. Para encerrar a introdução, Lima retomou o discurso das unidades que justificaram a manutenção política, territorial, cultural e histórica do Brasil:

A unidade geográfica: 3.200.000 km cercados por fronteiras naturais: o oceano à leste, os Andes à oeste, a Amazônia ao norte e os grandes rios ao sul; a unidade histórica de ter sido formada por segregação quando comparado com a formação de outras nações americanas; a unidade política – a construção intencional de cima pra baixo, trazida da ação construtiva de fora e de dentro, pela prolongada existência da monarquia e da consciência imperial e pela supremacia republicana do poder executivo; a unidade psicológica da língua, literatura, costumes, religião, que juntos fazem a essência do humanismo brasileiro. (LIMA in BON, 1950, Introdução, s/n).

Amoroso Lima sintetizou nesse excerto a formação do Brasil, explicando a contribuição de cada unidade para a formação do Humanismo brasileiro. Na verdade, esse autor refere-se ao Humanismo Cristão, valorizando o ser humano como instrumento divino (LIMA, 1965, p.37).

Contudo, ainda faltava discutir a diversidade brasileira. Para tanto, Amoroso Lima discutiu os conceitos de níveis e zonas de civilização. Para Amoroso Lima esses níveis de civilização são na verdade níveis culturais, que formam um dos essenciais elementos da diversidade brasileira, distintos uns dos outros pela forma das fisionomias compostas do Brasil – essas reflexões iconográficas podem ser vistas nesse livro. Há no Brasil a coexistência e constante interpenetração de três níveis de cultura:

- 1) A Era da madeira e a Era da pedra – indígenas ainda predominam em grandes partes do oeste e nordeste;
- 2) A Era da mula – característica de todo o sertão e interior dos altos planaltos;
- 3) A Era do motor – encontrada nas grandes cidades na costa e mesmo no interior, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Recife;

Esses níveis de civilização ainda podem ser subdivididos em quatro categorias:

1. A civilização atlântica – encontrada nas grandes cidades;
2. A civilização mista – de pequenas cidades e fazendas;
3. A civilização sertaneja ou caipira – de áreas não tão distantes e vilarejos;
4. A civilização primitiva – das selvas do país e dos planos desertos.

Segundo o autor, é necessário entender primeiramente esse quadro se realmente quisermos entender o Brasil: “se não tomarmos essa realidade complexa em consideração, nós corremos o risco de formar uma visão unilateral, pegando a parte pelo todo” (LIMA, BON, 1950, s/n).

As zonas de civilização são áreas que oferecem diversas condições semiculturais. É possível distinguir tantas zonas quanto níveis de civilização. São: o extremo norte e oeste, o nordeste, o centro-oeste e o sul – cada um oferece condições culturais diferentes.

Esses conceitos de níveis e zonas de civilização seguiram a mesma linha da unidade histórica: a colonização inicial no litoral brasileiro, onde se desenvolveram as primeiras

idades, com um lento movimento migratório para o interior, mas que ainda não se completara. Assim temos a diversidade cultural do Brasil apontada por Amoroso Lima para explicar as fotografias de Brasil, da flora brasileira às grandes cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, dos tipos humanos do norte e nordeste aos transeuntes do sudeste.

Para concluir seu pensamento, convém transcrever o trecho em que retomou diversos aspectos de seu discurso ao mesmo tempo em que introduziu novos conceitos:

É um país vasto, duro, difícil de cultivar e às vezes hostil. Os habitantes são de uma raça ainda não definida, as mulheres são bem formadas e cujos homens são comparativamente feios, mas com uma energia física muito maior que sua aparência física pode apresentar. Uma história marcada por fases, uma cultura intelectual em crescimento pleno, com um gosto natural pela literatura. Uma mistura de raças com poucos prejuízos e igualdade social entre as classes próximas, contrastando com o período da escravidão. Finalmente, uma tendência espontânea para o misticismo religioso, com um viés cristão onde o sentimento é mais importante do que a razão e que possui fortes raízes no passado dos portugueses. O todo dessa mistura está construindo agora um dos poderes desse novo mundo – um mundo em que o século XX será logo substituído pelo século XXI e o início do terceiro milênio da era cristão (LIMA, BON, 1950, s/n).

Essa citação apresentou dois aspectos que até o momento Amoroso Lima não discutira abertamente: a raça brasileira e a herança católica. Quanto à ideia de raça, o autor seguiu a linha sociológica de Gilberto Freyre, exaltando o poder que a mistura de raças, embora sem ter uma raça bem definida, com poucos prejuízos, buscando a igualdade social, aproximando-se do conceito de uma democracia racial (FREYRE, 1933).

Sobre a herança católica, Amoroso Lima tentou ao longo do texto não expor seu ponto de vista pessoal sobre a religião católica, a despeito de sua conversão em 1928 e sua atuação fundamental como líder laico à frente do Centro D. Vital, dentre outros. Contudo, ao fim cita o misticismo religioso herdado dos portugueses, onde a emoção se sobrepõe à razão. Contudo, podemos perceber que mesmo sem citar diretamente o peso que a religião católica exerceu na manutenção da unidade brasileira, em outros escritos o autor afirmou a:

Importância do elemento religioso como um dos fatores primordiais da unidade do Brasil. A obra dos jesuítas no Brasil foi uma obra de coesão nacional, pois a religião é um laço que une as classes sociais diversas, conferindo-lhes um mínimo de homogeneidade e igualdade. Religião como elemento unificador da nação (LIMA, 1973, p. 97).

A despeito de se tratar de épocas diferentes, não podemos dissociar as ideias de catolicismo (a partir de 1928) e manutenção da unidade brasileira do pensamento de Amoroso Lima.

Por fim, ressaltamos que, dentro do conceito de Unidade Psicológica, mais especificamente a língua e a literatura, o ensino da língua portuguesa fora efetuado praticamente até as reformas pombalinas do século XVIII com exclusividade pela Igreja Católica; desta forma, se a língua constituiu um dos pilares responsáveis pela unidade brasileira, a religião teve um papel fundamental nesse processo.

Conclusão

Os intelectuais não conseguiram mais renunciar à tentação de se colocar a serviço de suas paixões políticas. A traição dos clerics é espiritual: consiste muito menos em se engajar numa ação política do que em pretender que é justo dirigir a inteligência para triunfos imediatos e terrestres. (BOMENY, 2001, p.13).

Os católicos, me caro Capanema, não querem do governo nem privilégios, nem subvenções, nem postos de responsabilidade política. Não temos a ambição do poder, nem é por meio da política que esperamos desenvolver o nosso trabalho. Estamos, portanto, perfeitamente a vontade para colaborar com o Estado, em tudo o que interessa ao bem comum da nacionalidade (Carta de Alceu Amoroso Lima à Capanema, 16 de junho de 1935. GC-Lima, A-A, doc. 15, série b apud SCHWARTZMAN, 1984, p. 298).

Iniciamos a discussão do presente artigo pretendendo compreender o papel do intelectual na sociedade brasileira, partindo como pressuposto o fato de que todo o intelectual estava vinculado a uma instituição de poder. O trecho citado por Bomeny, a partir de sua leitura do clássico de Julien Benda, faz uma crítica ao tipo de intelectual que ao ceder às tentações do mercado, acaba por trair o saber descompromissado ao qual utiliza como instrumento de trabalho.

A despeito das discussões acerca dessa concepção quase ermitã do papel do intelectual (ignorando principalmente as mudanças sociais e técnicas decorrentes da industrialização do século XIX) ao confrontarmos com o discurso de Amoroso Lima na carta enviada ao ministro Gustavo Capanema percebemos que, nesse caso, há divergências.

Vinculado ativamente às instituições de poder católicas (Centro D. Vital, Ação Católica Brasileira, dentre outros), até o término do Estado Novo, percebemos em Amoroso

Lima uma atuação política constante ao mesmo tempo em que busca resultados concretos, principalmente quanto à ameaça comunista na educação brasileira.

Quanto à sua apresentação no álbum *Brésil*, podemos afirmar que a partir de fotografias de franceses retratando a representação das paisagens brasileiras, perpetuando assim uma tradição oriunda desde os primeiros anos de nossa colonização; e uma breve história política, cultural, e geográfica do país, de um respeitado intelectual brasileiro com formação e franca admiração pela França, houve nesse álbum uma proposta visual bem definida de representação da paisagem brasileira: um conjunto de imagens sustentadas por textos que alternam o primitivo e o moderno; o atraso e o desenvolvimento; a homogeneidade e a heterogeneidade; a unificação e a segregação; o passado e a promessa de futuro. Este tipo de narrativa é permeado pelo ideário romântico, especialmente o messianismo nacional e a concepção de tempo, que “[...] corria, sem retorno possível para o passado, em direção a um futuro concebido como lugar único da mais autêntica e harmoniosa liberação humana” (SALIBA, 1991, p. 76). Ou seja, na reflexão sobre as impossibilidades e obstáculos concretos do tempo presente, uma alternativa viável era projetar um futuro promissor e harmonioso, através do desenvolvimento, do progresso, mantendo as características culturais da sua história.

Essa dualidade não é exclusiva de Amoroso Lima: “A polarização entre o universal e o local não é apenas uma chave classificatória que separa indivíduos, tendências e que oscila entre épocas”. (GOMES JUNIOR, 2011, p.112).

O discurso de Amoroso Lima na introdução da obra *Brasil* teve a preocupação de mostrar um Brasil cuja origem cultural era europeia, de geografia favorecida por planaltos e clima subtropical, com uma vocação natural para a democracia enquanto organização política, de um povo ainda em formação, mas com grande capacidade intelectual, que manteve sua língua ao longo de sua história até o momento. Indiretamente, o autor colocou como um dos elementos unificadores da nação dentro de seu discurso a religião católica, através da unidade psicológica e cultural.

No momento em que escreve essa apresentação, Amoroso Lima já havia passado em sua trajetória intelectual das fases de sagaz crítico literário e cruzado católico fervoroso. Com o fim do Estado Novo e o início da fase de ‘peregrinação’, buscando uma redefinição de suas orientações, passou a perder um pouco da sua influência dentro da Igreja Católica. O contraste observado com a Europa, em particular na França, foi fundamental para a apresentação de

Brasil, pois foi encarregado de resumir em poucas páginas a história do país e definir quem era o povo desse país.

Não conseguimos apreender o discurso de Amoroso Lima por meio da relação direta com as estruturas de poder laico (o governo Vargas havia terminado em 1945 e conforme apontado anteriormente a relação mantida por Amoroso Lima e esse governo foi mais de colaboração do que subordinação) ou do poder religioso (a nova ‘tendência’ democrática de Amoroso Lima havia desagradado diversos setores da Igreja Católica, apesar de continuar como uma referência). Mas sim por meio de sua trajetória pessoal de crítico-religioso-humanista.

Nesse ponto destacamos, por fim, a defesa da democracia feita por Amoroso Lima como a melhor opção de organização política de um país, ponto do humanismo já perceptível em seu discurso, e que se tornaria mais presente nas reações ao Golpe de 1964.

Referências

- BOMENY, Helena (org.). Constelação Capanema: intelectuais e política. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.
- BON, Antoine. **Brasil: deux cent dix-sept photographies de A. Bon, M. Gautherot et P. Verger**. Paris: P. Hartmann, 1950.
- COSTA, Marcelo Timotheo da. **Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.
- DALL’OLIO, Rafael Luis dos Santos. **Representações das Paisagens Brasileiras por lentes francesas: um estudo de caso**. São Paulo, 2012. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- FAVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. **A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968**. Revista Educar, Curitiba: Editora UFPR, n. 28, p. 17-36, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.
- GOMES JUNIOR, Guilherme Simões. **Crítica, combate e deriva do campo literário em Alceu Amoroso Lima**. Tempo Social, Revista de Sociologia ad USP, v. 23, n.2. pp. 101-133, novembro de 2011.
- LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Cartas do Pai: de Alceu Amoroso Lima para sua filha madre Maria Tereza**. São Paulo: IMS, 2003.

_____. **Memórias Improvisadas: diálogos com Medeiros Lima**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

_____. **Pelo Humanismo Ameaçado**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

MARTINS, Luciano. **A Gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil 1920 a 1940**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 2, n. 4, p. 65-87, 1987.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: DIFEL, 1979.

_____. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.

MOTA, Carlos Guilherme Santos Seroa da. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974) : pontos de partida para uma revisão histórica**. São Paulo: Atica, 1977.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **As raízes da ordem: os intelectuais, a cultura e o Estado**. In: A Revolução de 30. Seminário Internacional. Brasília, UnB, 1982.

PÉCAUT, Daniel. **Intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Ática, 1990.

PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. **A invenção da Ordem: intelectuais católicos no Brasil**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, vol..19, n.1, pp. 33-49, junho de 2007.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **Notas sobre a “fortuna crítica” do intelectual Alceu Amoroso Lima**. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 5, n. 2, pp. 65-78, jan-jul., 2012.

SALIBA, Elias Thomé. **As utopias românticas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

SCHWARTZMAN, Simon. BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984).

Internet:

TV CULTURA, Entrevista concedida a Ana Lúcia Vasconcelos no programa Vox Populi, 1981. Acesso <http://cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=1373> acesso em 14/02/2014.

Recebido em 14 de fevereiro de 2014

Aprovado em 15 de maio de 2014